

MANUAL DO PROFESSOR

Minha querida assombração

Autoria

Alda Beraldo (CEDAC)



EDITORIA **REVIRAVOLTA**

MANUAL DO PROFESSOR

AUTORIA ALDA BERALDO (CEDAC)

LIVRO

MINHA QUERIDA ASSOMBRAÇÃO

AUTOR

REGINALDO PRANDI

ILUSTRADOR

RODRIGO ROSA

CATEGORIA 1

**OBRAS LITERÁRIAS VOLTADAS PARA
OS ESTUDANTES DO 6º E DO 7º ANOS
DO ENSINO FUNDAMENTAL**

TEMAS

**FAMÍLIA, AMIGOS E ESCOLA; O MUNDO
NATURAL E SOCIAL; AVENTURA, MISTÉRIO
E FANTASIA**

GÊNERO LITERÁRIO

ROMANCE

EDITORAR**EVIRAVOLTA**

Conteúdo

CEDAC — Centro de Educação e Documentação para
a Ação Comunitária

Coordenação

Ana Maria Alvares

Revisão

Angela das Neves

Ana Luiza Couto

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Angélica Ilacqua CRB-8/7057

Beraldo, Alda

Manual do professor — Minha querida assombração/
Alda Beraldo; CEDAC. — São Paulo: Editora Reviravolta,
2018.

Bibliografia

ISBN 978-85-66162-68-4

I. Literatura infantojuvenil — Estudo e ensino I. Título
II. Prandi, Reginaldo. Minha querida assombração III.
CEDAC

18-0912

CDD 372.64044

Índice para catálogo sistemático:

1. Literatura infantojuvenil — Estudo e ensino 372.64044

2018

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA REVIRAVOLTA LTDA.

Rua Bandeira Paulista, 702 — cj. 72

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone: (11) 3707-3500

APRESENTAÇÃO

Cara professora, caro professor,

Neste manual, você vai encontrar material de apoio para o trabalho com o livro *Minha querida assombração*. Desde já, enfatizamos que as propostas de atividades feitas aqui são sobretudo sugestões e não pretendem esgotar as possibilidades de leitura da obra. Ele é composto dos seguintes itens:

- 1. O autor e a obra:** dados biográficos do autor e informações que contextualizem a obra.
- 2. Vale a pena ler este livro:** informações e sugestões que visam motivar o estudante para a leitura.
- 3. Este livro na formação leitora dos estudantes do 6º e do 7º anos do Ensino Fundamental:** a relação da obra com os temas propostos, com a categoria e o gênero literário.
- 4. Fazendo a ponte entre o leitor e o livro:** subsídios, orientações e propostas de atividades para a abordagem da obra literária com os estudantes.
- 5. Este livro e as aulas de Língua Portuguesa:** sugestões para o encaminhamento do trabalho antes e depois da leitura.
- 6. Possibilidades interdisciplinares:** orientações gerais para aulas de outros componentes ou áreas para a utilização de temas e conteúdos presentes na obra, com vistas a uma abordagem interdisciplinar.

Bom trabalho!

1. O AUTOR E A OBRA

Ao ler a obra *Minha querida assombração*, de Reginaldo Prandi, você deve ter notado que o autor, na voz do narrador, revela grande conhecimento da vida no interior do estado de São Paulo, no qual está ambientada a narrativa. E isso não é por acaso: o autor nasceu em Potirendaba, um pequeno município paulista, em 1946, e escreveu esta obra com base nos anos vividos nesse local e nas histórias de assombração que ouviu da avó. Além disso, por sua formação como sociólogo, pôde incluir no texto literário os conhecimentos que construiu sobre regiões como essa, com fazendas antigas que sobreviveram às mudanças sociais.

Na sociologia, o principal foco de estudo de Reginaldo Prandi é a religião. Seus temas de interesse são as religiões afro-brasileiras, o catolicismo, o espiritismo e o pentecostalismo. Seus estudos sobre os orixás o inspiraram a criar obras infantojuvenis muito premiadas, entre elas *Ifá, o adivinho* (2002), *Xangô, o trovão* (2003) e *Oxumarê, o arco-íris* (2004), que apresentam as figuras básicas da mitologia africana cultuadas no Brasil. Prandi publicou mais de trinta livros, entre ficção e não ficção, foi indicado quatro vezes ao prêmio Jabuti, o mais importante prêmio literário brasileiro, e premiado pela Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil (FNLIJ) em 2003 e 2005.

A Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil (FNLIJ) foi criada em 23 de maio de 1968, no Rio de Janeiro. A fundação é a seção brasileira do International Board on Books for Young People (IBBY), associação internacional que visa promover a leitura entre os jovens. A missão da FNLIJ é promover a leitura e divulgar o livro de qualidade para crianças e jovens, defendendo o direito de leitura para todos, por meio de bibliotecas escolares, públicas e

comunitárias. Para saber mais sobre a fundação e suas ações, visite o site oficial [disponível em: <<http://bit.ly/2JqVJod>>; acesso em: 5 jun. 2018].

Além de escritor de obras de ficção, que começaram a ser publicadas nos anos 2000, Reginaldo Prandi foi pesquisador do Centro Brasileiro de Análise e Planejamento (Cebrap), professor da Pontifícia Universidade Católica (PUC-SP) e, em seguida, da Universidade de São Paulo (USP), onde se aposentou em 2006. Uma de suas atuações, como pesquisador, foi coordenar a criação do Instituto Datafolha, por meio do qual mudou os padrões de realização e divulgação de pesquisas eleitorais e de opinião no Brasil.

Em 2001, recebeu um prêmio outorgado pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), pela Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (SBPC) e pelo Ministério da Cultura, por seu trabalho de preservação da memória cultural brasileira. Esse trabalho pode ser apreciado por meio da leitura da obra aqui indicada e também dos demais livros do autor, tanto os destinados aos jovens leitores como ao público adulto.

2. VALE A PENA LER ESTE LIVRO

A obra *Minha querida assombração* apresenta uma tessitura interessante, a de ser construída em dois planos: a história principal, narrada em terceira pessoa, sobre as férias das personagens na fazenda, e as histórias de assombração contadas por dona Santa. A história principal tem, assim, a função de uma narrativa moldura, recurso literário em que se introduzem, dentro de uma narrativa inicial, uma ou mais narrativas.

Para marcar essa distinção entre os planos, as histórias de assombração

são compostas em uma tipologia diferente e em versos, e podem ser lidas independentemente, mas o mesmo não acontece com a história principal, pois o autor articula os fatos vividos pelas personagens com as histórias ouvidas à noite. Aliás, a chave dos mistérios com que Paulo e os filhos deparam durante os dias que passam no hotel está justamente nas histórias narradas por dona Santa. Esse tom detetivesco e misterioso presente na obra enriquece a experiência de leitura. Como as personagens, o leitor passa a aguardar pela nova história de assombração e fica curioso para descobrir o que está por trás dos acontecimentos no hotel.

Iluminar técnicas narrativas como essas é uma forma bem produtiva de auxiliar o jovem leitor a reconhecer a obra literária como produção artística — em que a narrativa não se confunde com uma mera somatória de fatos, mas articula-os com intencionalidade estética, pressupondo a existência de um leitor. Longe de ser mero jogo, essas técnicas narrativas colaboram para a formação do leitor crítico, que, conforme avança no seu percurso formativo, mais sabe refletir sobre a qualidade literária.

É perceptível ainda que a obra, talvez pela experiência de Reginaldo Prandi como sociólogo, tem a intenção de pôr em foco e valorizar a diversidade cultural — o que inclui olhar para a culinária, a música, a linguagem verbal e a literatura oral de determinada região brasileira, o interior paulista. No entanto, isso não se dá de forma caricatural nem assume um tom pedagógico, mas tem função na própria narrativa literária.

Outro detalhe do tecer artístico está na linguagem utilizada pelo autor na caracterização de personagens e ambientes, que contribui para a criação de uma atmosfera de mistério. Por exemplo, ao registrar o surgimento-relâmpago do personagem Juvêncio, marido de dona Santa, logo depois de ela convidar os hóspedes para ouvir a história da noiva da figueira, o narrador assim o apresenta: “Um homem velho, alto, magro e surpreendentemente pálido [...]” (p. 19). Ao final, o leitor descobre que a palidez da personagem fazia parte das ações planejadas pela equipe do hotel para proporcionar aos hóspedes uma experiência do sobrenatural.

3. ESTE LIVRO NA FORMAÇÃO LEITORA DOS ESTUDANTES DO 6º E DO 7º ANOS DO ENSINO FUNDAMENTAL

Minha querida assombração é adequado aos jovens leitores do 6º e do 7º anos do Ensino Fundamental, pois eles já leem com mais autonomia e estão caminhando em direção à leitura de obras de crescente complexidade, e o romance é um gênero mais longo, que exige mais “fôlego” do leitor. Ao unir doses de aventura e mistério, o leitor se vê envolvido com a história desde o início e se concentra no encadeamento dos fatos. Ao mesmo tempo, é uma obra que possibilita ao jovem leitor atentar aos detalhes da tessitura narrativa, à forma de construção do romance, colaborando para que tome consciência do fazer literário.

Na leitura, os estudantes vão poder reconhecer que toda ficção mantém relação com a realidade. A proximidade entre o leitor e o livro pode se dar por meio dos temas presentes em *Minha querida assombração*, como o das relações com a família, os amigos e a escola: o pai leva os filhos para passar as férias escolares em uma fazenda, onde são acolhidos pelos proprietários e se relacionam com outros hóspedes, também pais e filhos, além dos agregados, situações e personagens com as quais o estudante pode logo se identificar. Além desse tema, o leitor também pode expandir seus conhecimentos sobre o mundo natural e social, dados o cenário e a cultura típica da região onde se passa a história: o casarão antigo, as árvores frutíferas, nas quais se pode comer fruta no pé, a presença de animais, hábitos como nadar no riacho, andar a cavalo e beber leite tirado na hora transportam o leitor para o ambiente rural, o qual lhe pode ser familiar e conhecido ou totalmente desconhecido e distante do seu dia a dia.

Além desses elementos, como um bom atrativo, há também as histórias de assombração de dona Santa e os fatos estranhos vividos pelas persona-

gens — vivências assombradas das quais o leitor também participa. E faz isso experimentando uma das funções da literatura, que é, segundo o professor de literatura Vincent Jouve (2002), a de “propor ao leitor ‘experimental’ no modo imaginário uma cena que ele poderia viver na realidade: a leitura, em outras palavras, permite ‘experimental’ situações” (pp. 137-8). O leitor acompanha e vive as aventuras das personagens, deixando-se seduzir especialmente pelos contos de assombração e seus seres extraordinários, que provocam um misto de temor e curiosidade.

Como já destacado, a obra é também fonte de informações sobre a chamada cultura caipira, típica do interior do estado de São Paulo, mas com muitos pontos de contato com o de outros estados brasileiros. A leitura figura, assim, também como uma fonte de experiência de uma tradição que se contrapõe ao universo tecnológico e urbano cada vez mais presente nas diversas regiões brasileiras. Em vez do manejo individual do celular, os leitores experimentam outros hábitos, em que a conversa se dá presencialmente, em que se trocam experiências vividas e os ouvintes se deixam assombrar por histórias de outro mundo.

4. FAZENDO A PONTE ENTRE O LEITOR E O LIVRO

De maneira geral, a leitura de *Minha querida assombração* com os estudantes não deve oferecer dificuldades no que se refere à linguagem empregada pelo autor, nem do ponto de vista sintático nem semântico. A principal contribuição da obra para o processo de formação leitora dos alunos diz respeito à ampliação de conhecimentos literários relacionados à estruturação do enredo.

Nesse sentido, é valiosa a leitura compartilhada da obra como estratégia didática. É uma situação em que o professor mediador, como leitor mais experiente, auxilia os estudantes a perceber, por exemplo, o emprego de determinados recursos estruturais e linguísticos no texto que eles não notariam por si sós. O professor, já conhecendo antecipadamente e com mais profundidade a obra, planejará intervenções visando ao desenvolvimento da competência dos estudantes como leitores literários, por exemplo, destacando especificidades do gênero no qual a obra se classifica e a maneira como o autor a construiu. É interessante ajudá-los ainda a compreender que a literatura, além da sua dimensão ficcional, é representante da cultura e da história de uma sociedade. Assim, a leitura de uma obra literária pode ser enriquecida se os conhecimentos dos estudantes são ampliados, sendo fundamental a participação do professor, seja qual for o seu campo do conhecimento.

Nesse trabalho com o livro, devem-se privilegiar as atividades de interlocução, de exposição de impressões e opiniões, de discussão de ideias e de pesquisa, que dão oportunidade legítima aos pré-adolescentes de apreciar o mundo proposto pela obra e entender a finalidade das propostas didáticas na sua formação como leitor e cidadão. Assim, deve-se incentivar a participação de todos na conversa, pois a troca de ideias possibilita aos estudantes reconsiderar opiniões, notar o que não puderam observar sozinhos, compreender conceitos e aprender mais sobre os sentimentos humanos, por exemplo, quando os colegas e o professor expressam ou não uma relação de empatia com determinadas personagens.

Na situação de leitura compartilhada, os estudantes podem explicitar os procedimentos que utilizaram para atribuir sentido ao texto (quais foram as “dicas” dadas pelo próprio texto), as relações que estabeleceram, os conhecimentos de mundo que os ajudaram a antecipar certos acontecimentos e se essas antecipações foram ou não confirmadas pela leitura. Trata-se de possibilitar que eles vivenciem e revelem comportamentos leitores e se reconheçam, assim, como leitores ativos.

Comportamentos leitores são traços típicos do leitor que estão relacionados à leitura, seja antes de ela ocorrer, seja durante ou depois de sua ocorrência. Alguns exemplos de comportamento leitor: na biblioteca ou na livraria, ler o título do livro, verificar quem é o autor, observar a capa, apreciá-la, ler rápida ou detalhadamente as orelhas do livro, comparar com outro livro que está perto ou de que se lembra, ficar indeciso entre um e outro livro; desejar ler um livro de que ouviu falar; ficar feliz ao ganhar um livro e ter receio de emprestá-lo; pedir livros emprestado; compartilhar com outra pessoa o que achou de um livro, o que sentiu, o que ele o fez lembrar; reler trechos de que mais gostou, parar momentaneamente de ler, pensar sobre o que leu, retomar a leitura; folhear o livro, consultar o sumário ou o índice para verificar se o conteúdo interessa a ele ou atende às suas necessidades do momento, seja uma pesquisa, seja para fruição, entre outros. São muitos os comportamentos leitores, que se assemelham e se diferenciam dependendo do gênero que se tem em mãos e dos objetivos de leitura.

A leitura compartilhada é o momento em que o mediador tem a oportunidade de “usar palavras especializadas sobre as obras e explicitar as regras que regem a literatura”, como observa Teresa Colomer (2007, p. 66). Termos como personagens, enredo, tempo, espaço, conflito, desfecho, conto, romance, autor e narrador são utilizados como meio de auxiliar na conversa, para contribuir com a interpretação da obra, e não como conceitos que serão cobrados em prova. Assim, alguns termos presentes na obra de Reginaldo Prandi — “sociologia”, “cultura”, “tradição”, “natureza”, “paisagem”, “sociedade” — podem ser elucidados na leitura compartilhada, enquanto se realizam pesquisas que ampliam as dimensões de uma obra como essa.

Organizar-se em círculo no espaço de discussão é uma forma ideal de possibilitar que todos se olhem e se ouçam de forma mais produtiva e agradável, facilitando a interação — mesmo que isso demande de você mais tempo para arrumar a sala.

Para encerrar, citamos mais algumas palavras de Teresa Colomer:

Compartilhar as obras com outras pessoas é importante porque torna possível beneficiar-se da competência dos outros para construir sentido e obter o prazer de entender mais e melhor os livros. Também porque permite experimentar a literatura em sua dimensão socializadora, fazendo com que a pessoa se sinta parte de uma comunidade de leitores com referências e cumplicidades mútuas. (COLOMER, 2007, p. 143.)

5. ESTE LIVRO E AS AULAS DE LÍNGUA PORTUGUESA

MATERIAL DE APOIO PRÉ-LEITURA

Na formação do leitor literário, uma preocupação inicial é a de como apresentar aos estudantes a nova leitura, sabendo que cada livro pode deixar marcas significativas na vida do leitor, que não dependem apenas da qualidade da obra, mas também da forma como se conduz a interação dos alunos com ela. Nessa etapa da escolaridade, além de o grupo já ter uma cultura leitora, os estudantes possuem conhecimentos de vida que entrarão em jogo para a fruição dessa nova leitura. Assim, a entrada na obra pode se dar a partir do título: a palavra-chave *assombração* pode garantir uma resposta inicial afetiva dos estudantes, instigando-os a participar da história que se anuncia. Propomos que você instale uma troca de ideias em torno destas perguntas: Para começo de conversa, o que é assombração? Será que todos têm o mesmo entendimento sobre essa entidade? Que emoções essa palavra provoca? Alguém já viu ou conhece uma pessoa que tenha visto uma assombração? Por que, mesmo que não tenha visto, a pessoa tem medo só de ouvir essa palavra? Quem tem um palpite: por que a palavra *assombração* mobiliza tanto as pessoas? E, no caso do livro, quem será a “querida assombração”? Será “querida” de quem? Do autor, das personagens ou dos leitores?

Preparando os estudantes para apreciar os contos de assombração incluídos na narrativa e para valorizar a cultura tradicional, amplie a conversa, perguntando como distinguem literatura escrita de literatura oral. Podem ser feitas perguntas como: Histórias de assombração pertencem ao universo da literatura oral ou escrita? Se pertencem à literatura oral, como se explica estarem registradas em livros como esse que começarão a ler? Onde nasceram essas histórias orais, antes de serem registradas em livros? Quem as criou? Há quanto tempo foram criadas? Todas têm o mesmo tempo de existência? Questões como essas possibilitam que os estudantes exponham seus conhecimentos prévios sobre literatura oral e, ao mesmo tempo, permitem que você, como mediador, os ajude a sistematizá-los e a terem claro que tais criações fazem parte do folclore e incluem, além de contos de assombração, mitos, lendas e provérbios. Essas criações pertencem à memória coletiva, são transmitidas oralmente, não têm autor definido e sofrem mudanças — afinal, “quem conta um conto aumenta um ponto” —, mas é certo que resistem ao tempo.

Outra possibilidade de entrada na leitura é apresentar ou pedir que a turma leia dados sobre a vida do autor (que se encontram no próprio livro). Saber que Reginaldo Prandi é sociólogo — o que pode dar vez a uma pergunta sobre a área de interesse da Sociologia — é um dado importante e pode ser uma explicação possível para os conhecimentos que ele veicula na obra como forma de valorizar a tradição popular. Antecipe que a obra traz de volta esquecidas tradições caipiras e pergunte: Quem é essa figura, o caipira? Será que a música sertaneja, que tanto se ouve no rádio e na TV, tem algo a ver com a música caipira?

Após essa conversa inicial, se julgar pertinente, proponha aos estudantes que citem histórias de assombração que conhecem. Se a atividade render interesse maior, convide-os a ensaiar uma delas em casa, para contá-la aos colegas na aula seguinte.

MATERIAL DE APOIO PÓS-LEITURA

O pós-leitura é também um momento precioso na experiência do leitor, na escola. É novamente uma situação em que a leitura compartilhada possibilita inúmeras vivências de comportamento leitor — tanto para o professor como para os alunos.

Nos trechos a seguir, a educadora e pesquisadora argentina Delia Lerner comenta a relevância de o professor comunicar aos alunos certos traços fundamentais dos comportamentos de um leitor, como quem “mostra algo”:

[...] para comunicar às crianças os comportamentos que são típicos do leitor, é necessário que o professor os encarne na aula, que proporcione a oportunidade a seus alunos de participar em atos de leitura que ele mesmo está realizando, que trave com eles uma relação de “leitor para leitor”.

[...] [o professor] lê tentando criar emoção, intriga, suspense ou diversão [conforme o tipo de história escolhida]; evita as interrupções que poderiam cortar o fio da história e, portanto, não faz perguntas para verificar se as crianças entendem, nem explica palavras supostamente difíceis; incentiva as crianças a seguir o fio do relato [...] e a apreciar a beleza daquelas passagens cuja forma foi especialmente cuidada pelo autor. Quando termina a história, em vez de interrogar os alunos para saber o que compreenderam, prefere comentar suas próprias impressões — como faria qualquer leitor — e é a partir de seus comentários que se desencadeia uma animada conversa com as crianças [...] sobre o que mais impressionou cada um, sobre os personagens com que se identificam ou os que lhe são estranhos, sobre o que eles teriam feito se houvessem tido que enfrentar uma situação similar ao conflito apresentado na história...

[...]

Uma vez terminada uma leitura, tanto no caso do texto literário como no do informativo, o professor põe o livro que leu nas mãos das crianças para que o folheiem e possam deter-se no que lhes chama a atenção; propõe que levem para casa esse livro e outros que lhe pareçam interessantes... [...] (LERNER, 2002, pp. 95-6.)

Com base no que diz Delia Lerner, faça algum comentário pessoal sobre a obra de Reginaldo Prandi, convidando o grupo a expressar sua opinião. Incentive-o perguntando: Vocês consideram esta uma boa leitura? O que mais chamou atenção na obra? Do que mais gostaram? Ou não gostaram? Afinal, se o livro foi escolhido pelo professor, nem todos precisam gostar do que leram, mas é importante justificar sua opinião.

Em relação a outro comportamento leitor, o de se interessar pelos dados biográficos do autor, observe a melhor oportunidade para ler com o grupo a “Nota do autor” (p. 134), em que ele fala da relação de sua família com os “contos de assombração”. Esse pode ser um bom momento para propor aos estudantes que pesquisem entre seus familiares ou amigos quais conhecem um conto de assombração. Se possível, convide os familiares ou amigos que sabem tais contos a participar de uma roda de conversa ou de história na sala de aula ou mesmo na escola. Dessa forma, os estudantes poderão conferir, “ao vivo”, como a cultura oral se realiza.

Esse momento após a leitura é também adequado para que os estudantes utilizem naturalmente a terminologia dos estudos literários para fazer comentários sobre enredo, personagens, fatos, desfecho. Nesse momento, pode caber a problematização: Afinal, qual é o conflito nessa narrativa? O conflito está no decorrer da narrativa até o epílogo ou se encontra no próprio epílogo? Isso pode gerar uma boa discussão.

Pode-se também observar com os estudantes os vários recursos utilizados pelo autor que conferem qualidade à obra e se realizam em diferentes instâncias:

- **Estrutura narrativa:** leia com a turma o texto dirigido ao leitor que encerra o livro e destaque a afirmação de que a história se desenvolve em dois planos. Em seguida, chame a atenção para o recurso utilizado no desfecho: quando as personagens e o leitor já haviam se acomodado à resolução do conflito, o epílogo surpreende.
- **Composição das personagens, ambientação e fatos:** chame a atenção dos estudantes para a escolha feita pelo autor do nome das personagens dona Santa (dado que ela arquitetou tudo para que os

hóspedes se sentissem aterrorizados, seu nome adquire um tom irônico) e sr. Juvêncio (ele aparece caracterizado como “velho” — embora Rita descubra que não era tão velho assim —, mas o significado de Juvêncio é justamente o oposto: aquele que é cheio de juventude).

- **Recursos para criar suspense:** localize com os estudantes esses recursos no texto, por exemplo: a descrição de Juvêncio (pp. 19, 35); o comentário de Clara de que Juvêncio estava morto (p. 48); o uso repetido da onomatopeia “plac-plac” (p. 28) para enfatizar o ruído da máquina de costura; o choro desconsolado de uma mulher (p. 61); e o rumor de pessoas passando debaixo da janela (p. 76).

Para sistematizar os conhecimentos sobre as marcas distintivas das narrativas de assombração, podem-se providenciar cópias de alguns contos de terror e propor sua leitura pelos alunos, que, em duplas, devem grifar características relacionadas ao ambiente (noite, meia-noite, local escuro, floresta fechada, casa abandonada, cemitério...), às situações (aparições, gritos, murmúrios, arrastar de passos e de correntes), a tipos de personagens (mortos, fantasmas) ou à linguagem (adjetivos que criem uma atmosfera sombria) que sejam semelhantes às aquelas estudadas no romance de Reginaldo Prandi. Em seguida, as duplas podem criar histórias de assombração em que alguns desses elementos estejam presentes. Considerando a Base Nacional Comum Curricular (BNCC), essa atividade pode auxiliar no desenvolvimento da habilidade:

[EF67LP30] Criar narrativas ficcionais, tais como contos populares, contos de suspense, mistério, terror, humor, narrativas de enigma, crônicas, histórias em quadrinhos, dentre outros, que utilizem cenários e personagens realistas ou de fantasia, observando os elementos da estrutura narrativa próprios ao gênero pretendido, tais como enredo, personagens, tempo, espaço e narrador, utilizando tempos verbais adequados à narração de fatos passados, empregando conhecimentos sobre diferentes modos de se iniciar uma história e de inserir os discursos direto e indireto.

Outra atividade é pedir aos estudantes que abram o livro na página 33 e observem que o personagem Francisco faz uma imitação do jeito de falar dos caipiras e seu pai, Paulo, lhe chama a atenção por isso. Esse pode ser um bom momento para conversar sobre a variedade linguística, o que coincide com uma das competências específicas de Língua Portuguesa da BNCC: “Compreender o fenômeno da variação linguística, demonstrando atitude respeitosa diante de variedades linguísticas e rejeitando preconceitos linguísticos” (BRASIL, 2017, p. 85).

Sobre a variação linguística, sugerimos o verbete dedicado a esse conceito que consta do *Glossário Ceale de termos de alfabetização, leitura e escrita para educadores*. Disponível em: <<http://bit.ly/2kSgjzW>>. Acesso em: 5 jun. 2018.

Uma proposta que pode agradar bastante aos estudantes é presentear-lhes com uma sessão de leitura especial. No momento que considerar mais oportuno, sem que eles saibam, ambiente a sala de aula como um cenário de história de assombração: coloque cortinas ou panos escuros nas janelas, cubra sua mesa com um pano preto e ponha velas em castiçais, vista-se com tons escuros, faça uma maquiagem que acentue as olheiras e o aspecto fantasmagórico. Receba os alunos na porta da sala e, após todos terem entrado, leia para eles uma história de assombração que não faz parte do livro explorado, caprichando na entonação e nas pausas para criar suspense. Em seguida, converse com eles sobre a ambientação e as emoções que pode provocar no leitor e apresente outros títulos com histórias de assombração que façam parte do acervo da biblioteca ou da sala de aula.

Sugerimos abaixo alguns títulos indicados para leitores mais experientes e também para os menos experientes. Essas leituras vão possibilitar a discussão das diferentes versões de um mesmo conto, uma riqueza que a literatura fornece aos leitores. Apreciar e avaliar as versões é muito produtivo para construir conhecimentos sobre literatura, linguagem e tradição popular.

- *Contos de morte morrida* (2007) e *Castelos e fantasmas* (2008), de Ernani Ssó, Companhia das Letrinhas.
- *Contos de enganar a morte* (2005), de Ricardo Azevedo, Ática.
- *Clássicos do sobrenatural* (2004), vários autores, Ed. Iluminuras.
- *Sete histórias para sacudir o esqueleto* (2002) e *O caixão rastejante e outras assombrações de família* (2015), de Angela-Lago, Companhia das Letrinhas.
- *O corvo em quadrinhos* (2009), adaptação de Luciano Irrthum do clássico conto de Edgar Allan Poe, Peirópolis.
- *Medo: Histórias de terror* (2013), antologia de contos de terror, entre eles “O gato preto”, de Edgar Allan Poe, Companhia das Letrinhas.

Além das habilidades previstas na BNCC mencionadas anteriormente, o trabalho com a leitura do livro *Minha querida assombração* também pode favorecer o desenvolvimento das habilidades a seguir:

(EF67LP28) Ler, de forma autônoma, e compreender — selecionando procedimentos e estratégias de leitura adequados a diferentes objetivos e levando em conta características dos gêneros e suportes —, romances infanto-juvenis, contos populares, contos de terror, lendas brasileiras, indígenas e africanas, narrativas de aventuras, narrativas de enigma, mitos, crônicas, autobiografias, histórias

em quadrinhos, mangás, poemas de forma livre e fixa (como sonetos e cordéis), vídeo-poemas, poemas visuais, dentre outros, expressando avaliação sobre o texto lido e estabelecendo preferências por gêneros, temas, autores.

(EF69LP47) Analisar, em textos narrativos ficcionais, as diferentes formas de composição próprias de cada gênero, os recursos coesivos que constroem a passagem do tempo e articulam suas partes, a escolha lexical típica de cada gênero para a caracterização dos cenários e dos personagens e os efeitos de sentido decorrentes dos tempos verbais, dos tipos de discurso, dos verbos de enunciação e das variedades linguísticas (no discurso direto, se houver) empregados, identificando o enredo e o foco narrativo e percebendo como se estrutura a narrativa nos diferentes gêneros e os efeitos de sentido decorrentes do foco narrativo típico de cada gênero, da caracterização dos espaços físico e psicológico e dos tempos cronológico e psicológico, das diferentes vozes no texto (do narrador, de personagens em discurso direto e indireto), do uso de pontuação expressiva, palavras e expressões conotativas e processos figurativos e do uso de recursos linguístico-gramaticais próprios a cada gênero narrativo.

6. POSSIBILIDADES INTERDISCIPLINARES

CIÊNCIAS HUMANAS

É bastante rico para todos, alunos e professores, para a escola e o sistema de ensino quando professores de disciplinas diversas estabelecem parcerias. Empreender ações em que professores de outras disciplinas que não Língua Portuguesa sejam convidados a levar informações a estudantes em situações de leitura de uma obra literária ou a realizar atividades em conjunto é imprescindível. São ocasiões em que um especialista tem muito o que agregar na formação integral das crianças e jovens. Assim como é bem-vindo que professores de disciplinas diversas proponham a leitura de obras literárias como meio de ampliar os conhecimentos dos estudantes.

A seguir sugerimos algumas atividades possíveis de serem desenvolvidas com os estudantes, após a fruição literária, articulando a interdisciplina-

ridade com a área das Ciências Humanas. Por retratar uma tradição cultural e um ambiente típico de uma região do Brasil, a leitura de *Minha querida assombração* pode contribuir para desenvolver:

[...] a capacidade de os alunos pensarem diferentes culturas e sociedades, em seus tempos históricos, territórios e paisagens (compreendendo melhor o Brasil, sua diversidade regional e territorial). E também que os levem a refletir sobre sua inserção singular e responsável na história da sua família, comunidade, nação e mundo. (BRASIL, 2017, p. 352.)

Nesse sentido, o professor de Geografia pode realizar investigações enriquecedoras com os alunos relacionadas ao tema “O sujeito e seu lugar no mundo”, tendo como objeto de conhecimento a “Identidade sociocultural”. Nesse âmbito, a BNCC registra como algumas habilidades a serem desenvolvidas:

(EF06GE01) Comparar modificações das paisagens nos lugares de vivência e os usos desses lugares em diferentes tempos.

(EF06GE02) Analisar modificações de paisagens por diferentes tipos de sociedade, com destaque para os povos originários.

O professor poderá propor que os alunos citem alguns aspectos do ambiente retratados no livro que mais chamaram a atenção deles. Aqui não se trata de acontecimentos da trama narrativa, mas de elementos que a narrativa traz como pano de fundo.

Após algumas citações da turma, o professor poderá fazer perguntas ou provocações que despertem a curiosidade, por exemplo: Os alimentos feitos em fogão a lenha podem ser feitos também em fogão a gás? A figueira citada na narrativa é a mesma planta de onde nasce o figo? Córrego é o mesmo que riacho? Qual a diferença entre riacho, ribeirão e rio? Qual a função das cercas e porteiras? São perguntas iniciais, sem uma interligação definida, que podem

levar a uma discussão sobre questões mais amplas, como a modificação da paisagem, a interação com a natureza e a transformação da biodiversidade.

A partir dessas perguntas iniciais, pode-se propor aos estudantes uma retomada da obra *Minha querida assombração*: organizados em grupos, eles vão fazer o levantamento das características do ambiente e da cultura ali retratados. Cada grupo deverá observar um aspecto: elementos da paisagem, animais que são criados ali, alimentos cultivados e consumidos, ocupações e hábitos das personagens que residem no local, manifestações culturais descritas ou citadas, linguajar. Peça aos grupos que registrem as páginas em que observaram esses aspectos.

Após compartilharem esse levantamento, podem ser feitas discussões a partir dos temas preservação e transformação da paisagem, diferenças entre campo e cidade e relação com a natureza. Pode-se, por exemplo, retomar com os estudantes a transformação da antiga fazenda em um hotel, mas com a preservação de seu ar antigo para atrair hóspedes. Relembre com eles que dona Santa explicou que a fazenda tinha começado a dar prejuízo, daí a necessidade de dar outra função a ela. Nesse ponto, vale perguntar: Por que a fazenda pode ter começado a dar prejuízo? O que eles produziam ali não pôde mais ser produzido? Por quê? As pessoas se mudaram da fazenda? Para onde foram? Que razões as fizeram deixar o local?

De maneira similar poderá se dar a parceria com o professor de História. As fotografias podem ser um recurso interessante na discussão das permanências e rupturas. Por exemplo, os estudantes podem pesquisar imagens e criar murais que mostrem locais do lugar onde vivem, no passado e no presente. Outra possibilidade é conversar com pessoas mais velhas, testemunhas das transformações ocorridas na região onde vivem, não apenas sobre as paisagens, mas também sobre a modificação dos costumes.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BRASIL. Ministério da Educação. *Base Nacional Comum Curricular*. Brasília: MEC/Consed/Undime, 2017.
- JOUBE, Vincent. *A leitura*. São Paulo: Ed. da Unesp, 2002.
- LERNER, Delia. *Ler e escrever na escola: o real, o possível e o necessário*. Porto Alegre: Art-med, 2002.